



ELAS - EM MOVIMENTO, AÇÃO E INTERAÇÃO

ELAS - EN MOVIMIENTO, ACCIÓN E INTERACCIÓN

ELAS - IN MOTION, ACTION AND INTERACTION

Renata NASINHAKA ¹
Márcia Eliane Leindcker da PAIXÃO ²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo compartilhar os resultados preliminares do Projeto de Pesquisa intitulado "Mulheres, gênero e feminismos: conhecendo a trajetória dos grupos de pesquisa da UFSM", realizado pelo Grupo de estudos feministas ELAS da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). A partir de uma investigação teórico-prática, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com as pessoas responsáveis pela coordenação em cada grupo de pesquisa, no ano de 2020. O material coletado, após a transcrição, será submetido à análise de conteúdo³. A justificativa para a pesquisa consiste no fato de que, historicamente, os estudos dedicados aos temas: mulheres, gênero e feminismos, permaneceu nas

¹ Bacharela em Direito. Especialista em Ciências Penais e Criminologia. Licenciada em Educação Profissional e Tecnológica. Mestra em Educação Profissional e Tecnológica. Aluna Especial no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas/RS - Brasil.. E-mail: renata.nasinhaka@gmail.com

² Graduada em Pedagogia. Mestra em Ciências Sociais Aplicadas. Doutora em Educação. Líder do Grupo de estudos feministas - ELAS e do grupo Metamorfose; Professora adjunta IV da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) - Departamento Fundamentos da Educação (FUE) - Brasil. E-mail: marciapaixao12@gmail.com

³ BARDIN, Lawrence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

margens dos processos de construção social, educativo e político das mulheres. A busca pela igualdade como forma de justiça social que as mulheres buscavam, e ainda buscam, através do movimento feminista seguiu por diversos caminhos, influenciados por fatores culturais, sociais, econômicos, jurídicos e políticos. O crescente número de grupos de pesquisas que estudam o tema tem trazido resultados expressivos tanto para a academia, quanto para a sociedade civil. Assim, buscamos identificar a organização dos grupos de pesquisas registrados no Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que, por diferentes abordagens e metodologias, se dedicam ao estudo das mulheres, de gênero e dos feminismos. Contudo, as discussões preliminares apontam para a visibilidade e a necessidade de articulação coletiva no intuito de ações e parcerias que contribuam para as discussões e a promoção da igualdade de gênero dentro e fora da Universidade Federal de Santa Maria.

Palavras-chave: Mulheres; Gênero; Feminismos.

RESUMEN

El presente trabajo tiene como objetivo compartir los resultados preliminares del Proyecto de Investigación titulado "Mujeres, género y feminismos: conociendo la trayectoria de los grupos de investigación de la UFSM", realizado por el Grupo de Estudio Feminista ELAS de la Universidad Federal de Santa María (UFSM). A partir de una investigación teórico-práctica, se realizaron entrevistas semiestructuradas con los responsables de la coordinación de cada grupo de investigación, en 2020. El material recogido, después de la transcripción, será sometido a análisis de contenido. La justificación de la investigación consiste en que, históricamente, los estudios dedicados a los temas: mujeres, género y feminismos, se mantuvieron al margen de los procesos de construcción social, educativa y política de las mujeres. La búsqueda de la igualdad como forma de justicia

social que las mujeres buscaron, y aún buscan, a través del movimiento feminista siguió varios caminos, influenciados por factores culturales, sociales, económicos, legales y políticos. El creciente número de grupos de investigación que estudian el tema ha traído resultados significativos tanto para la academia como para la sociedad civil. Así, buscamos identificar la organización de grupos de investigación registrados en el Consejo Nacional de Desarrollo Científico y Tecnológico (CNPq) que, a través de diferentes enfoques y metodologías, se dedican al estudio de la mujer, el género y los feminismos. Sin embargo, las discusiones preliminares apuntan a la visibilidad y la necesidad de articulación colectiva con el objetivo de acciones y alianzas que contribuyan a la discusión y promoción de la igualdad de género dentro y fuera de la Universidad Federal de Santa María.

Palabras clave: Mujeres; Género; Feminismos.

ABSTRACT

The present work aims to share the preliminary results of the Research Project entitled "Women, gender and feminisms: knowing the trajectory of the UFSM research groups", carried out by the ELAS Feminist Study Group at the Federal University of Santa Maria (UFSM). Based on a theoretical-practical investigation, semi-structured interviews were conducted with the people responsible for coordinating each research group in 2020. The collected material, after transcription, will be submitted to content analysis. The justification for the research consists in the fact that, historically, studies dedicated to the themes: women, gender and feminisms, remained on the margins of women's social, educational, and political construction processes. The search for equality as a form of social justice that women sought, and still seek, through the feminist movement followed several paths, influenced by cultural, social, economic, legal, and political factors. The growing number of research

groups that study the topic has brought significant results both for academia and for civil society. Thus, we seek to identify the organization of research groups registered with the National Council for Scientific and Development Technological (CNPq) which, through different approaches and methodologies, are dedicated to the study of women, gender, and feminisms. However, the preliminary discussions point to the visibility and the need for collective articulation with the aim of actions and partnerships that contribute to the discussions and promotion of gender equality inside and outside the Federal University of Santa Maria.

Keywords: Women; gender; feminisms.

1. Introdução e Referencial Teórico: ELAS, em movimento.

Para contextualizar o projeto escopo deste trabalho, partilhamos o histórico da origem e da constituição do grupo de estudos feministas ELAS. A ideia de formar um grupo de estudos feministas surgiu durante a I Jornada de lutas das Mulheres de Santa Maria, realizada, em março de 2014. As pessoas que organizaram a atividade eram representantes populares, acadêmicas, servidoras, de grupos e coletivos diversos, contando com representantes da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), da Marcha das Vadias de Santa Maria, das Marias Bonitas, do Fórum de Mulheres de Santa Maria e do Grupo de pesquisa Educação e Gênero - Centro de Educação da (UFSM). Após a realização deste evento no Centro de Educação da UFSM algumas mulheres fizeram contato com a Prof^a. Dr^a. Márcia Paixão, demonstrando interesse em integrar um grupo de estudos feministas. Esse grupo de mulheres, inicialmente composto por três técnicas-administrativas, duas professoras externas e uma estudante bolsista do curso de Letras, iniciaram o grupo de estudos, em abril de 2014, com encontros quinzenais. Para a organização dos grupos, foi realizado um planejamento de leituras que contemplasse o histórico do movimento feminista, com livros de autoras da primeira e segunda onda do feminismo. Os encontros foram estruturados a partir da metodologia feminista, que propõe o debate teórico em diálogo com as experiências e o cotidiano das mulheres, o que é a marca do grupo até hoje.

Com o passar do tempo, a ideia inicial se consolidou e deu origem ao Grupo de estudos feministas ELAS. O nome escolhido para o grupo é uma provocação, pois no senso comum *elas*, as mulheres, têm pouco a dizer, foram confinadas historicamente ao silêncio, à invisibilidade e ao espaço doméstico. Então surgiu uma pergunta instigante: quem são *elas*? ELAS, são mulheres que pensam, que sentem, que agem e que são protagonistas de suas vidas.

Dessa forma, o grupo se propõe a estudar, a partilhar e a pesquisar sobre temas relacionados aos estudos feministas e as teorias de gênero, em diálogo com a educação e áreas afins. A ferramenta teórica da hermenêutica feminista e da metodologia feminista são os apoios para nossos estudos, partilhas e pesquisas. Nossa linha de pesquisa inclui gênero, mulheres, sexualidade, educação e sociedade. Atualmente, o grupo é formado por estudantes de Graduação e Pós-graduação, docentes de diferentes áreas do conhecimento, por técnicas-administrativas e participantes com vínculo institucional com a UFSM e externas. O grupo permite uma manifestação e uma formação livre, não obedece rigidamente a uma única linha teórica, mas as integrantes convergem com o pensamento feminista decolonial e a abordagem interseccional dos sistemas de opressão e submissão.

Ao longo dos anos, o grupo ELAS manteve-se em movimento para estudar e pesquisar os aportes teóricos dos estudos feministas e das teorias de gênero, desenvolvendo atividades de extensão, articuladas à formação e à promoção de debates que envolvessem os temas de interesse do grupo. Um dos pontos de partida que centram as discussões diz respeito à construção histórica do lugar e dos papéis das mulheres na sociedade contemporânea. A autora Michelle Perrot⁴ evidencia a importância em estudarmos a história das mulheres, (re)escrever a história do ponto de vista das mulheres e com a inclusão delas nos fenômenos históricos e sociais. Conforme a autora, a história das mulheres sempre esteve envolta em silêncios impostos, imagens distorcidas e simbólicos perpetuados, ela diz que a “história é o que acontece, a sequência dos fatos, das mudanças, das revoluções que tecem o devir das sociedades. Mas é também o *relato* que se faz de tudo isso.”⁵

⁴ PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2017

⁵ *Ibidem*, p.16.

Segundo Perrot⁶, a história “oficial” do mundo e da sociedade foi contada por homens, para os homens e sobre os homens, é uma história que não representa, nem legitima as mulheres. Por isso, a necessidade de resgatarmos e resignificarmos a história que inviabilizou metade da humanidade, as mulheres. Conforme a autora, “no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra”⁷ e é neste contexto que o projeto de pesquisa “Mulheres, gênero e feminismo: conhecendo a trajetória dos grupos de pesquisa da UFSM” está inserido. No intuito de mostrar, de conhecer e de valorizar pesquisadoras e pesquisadores que, dentro do espaço acadêmico e social, investigam a história, os lugares e os papéis das mulheres, que a pesquisa quer contribuir.

Há que se considerar que o próprio espaço acadêmico e científico é um espaço que exclui as mulheres. Foi o que concluiu as pesquisas apresentadas no “Encontro Nacional de núcleos e grupos de pesquisa - pensando gênero e ciências”, realizado em Brasília, no ano de 2006. Na oportunidade, estiveram reunidos mais de 200 núcleos e grupos de pesquisa de cerca de 100 Universidades do Brasil, com o objetivo de mapear e analisar os estudos de gênero no Brasil, visando fomentar a inserção das mulheres em todos os campos da ciência. Um dos trabalhos de mais repercussão, foi o apresentado pela médica Estela Aquino⁸, que abordava o recorte de gênero relacionado à ciência, no Brasil. A primeira observação, foi a constatação das escassas pesquisas que abordam o gênero como categoria de análise no campo da ciência, a outra observação, foi referente ao acesso desigual entre homens e mulheres aos espaços de cultura das ciências.

A socialização de gênero, que implica nas escolhas profissionais, acaba limitando o acesso das mulheres a determinados espaços e, mesmo quando ingressam em espaços predominantemente ocupados por homens, são descredibilizadas, contestadas e julgadas. Na avaliação de Aquino⁹ esse processo de exclusão das mulheres de determinados espaços profissionais, especialmente nas áreas da ciência e da pesquisa, ocorre de forma proposital, para forçar as mulheres a procurarem

⁶ *Ibidem*.

⁷ *Ibidem*, p. 22.

⁸ AQUINO, Estela. Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca de equidade. In: BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. (org.). *Encontro Nacional de núcleos e grupos de pesquisas: pensando gênero e ciência*. Brasília: Secretaria Especial de Políticas Para as Mulheres, 2006.

⁹ *Ibidem*.

outras áreas de atuação, nas quais não possam competir com os homens. Conforme a autora,

É frequente serem atribuídos valores negativos às mulheres que ocupam posições de destaque na hierarquia acadêmica, ou no mínimo ser delas exigida uma performance mais impecável do que aos homens na mesma condição. Como resultado, elas tenderiam a procurar áreas menos competitivas, em que haja mais mulheres, reproduzindo-se a segregação horizontal e vertical¹⁰.

Ainda, outro fator limitante é a dificuldade das mulheres em conciliar carreira e família, pois mesmo com o crescente ingresso das mulheres no mundo mercadológico do trabalho, elas permanecem obrigadas às atividades do cuidado, perpetuando a divisão sexual do trabalho. Grande parte das mulheres acabam optando por jornadas duplas ou triplas para poderem conciliar estudo e trabalho, sem esquecerem da família e da maternidade. É uma lógica própria do sistema capitalista que, ao mesmo tempo que ilude a mulher com o acesso ao mercado de trabalho, propiciando jornadas de trabalho flexíveis e/ou parciais, mantém a mulher aprisionada ao lar pelas responsabilidades culturais e sociais que a obrigam ao cuidado. Dessa forma, o sistema capitalista oprime e submete à mulher a uma dupla exploração, primeiro, com a baixa remuneração de sua força de trabalho vendida para uma empresa de trabalho formal, e segundo, com a exploração do trabalho de produção e reprodução exercido no trabalho doméstico não remunerado.

Neste sentido, Silvia Federici¹¹ alerta para o fato de que a emancipação das mulheres não pode ter como foco somente a independência em relação aos homens, representada pela luta contra o patriarcado. É preciso que a autonomia das mulheres consista também na luta contra as normas opressoras e reguladoras, impostas pelo Estado, em conjunto com a exploração perpetuada pelo capital. A autora adverte que, a consequência de um mundo e uma história construída pelos homens e para os homens é a servidão vivenciada por todas as mulheres. Pois, “podemos não servir a um homem, mas todas estamos em uma relação de servidão no que concerne ao mundo masculino como um todo”¹².

¹⁰ *Ibidem*, p. 17.

¹¹ FEDERICI, Silvia. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2019

¹² *Ibidem*, p. 46.

Quando olhamos com mais atenção para a dinâmica das relações entre homens e mulheres, percebemos como o gênero oferece vivências muito diferentes quando o espaço profissional e os lugares sociais são confrontados. O espaço acadêmico e os espaços de pesquisa institucionalizados dificultam a permanência de mulheres que, além de estudar/pesquisar, ainda trabalham, são mães e cuidam da família. Apesar da conquista recente das mulheres, em ter o direito de registrar o período de licença maternidade no Currículo Lattes com a anuência do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) para justificar a queda na produção científica, ainda estamos muito longe da igualdade de gênero.

Em matéria recente, a Revista Arco da UFSM abordou a temática “a maternidade no Lattes”, a reportagem, além de divulgar o percurso da luta até a conquista desse direito, trouxe uma crítica a respeito da romantização da maternidade e a desigualdade de gênero. A matéria reflete sobre a apropriação de determinados valores que incumbem a mulher como principal cuidadora das crianças, traz narrativas de experiências vividas por mulheres, mães e pesquisadoras, no contexto universitário e reflete sobre a diferença entre a mãe pesquisadora e o pai pesquisador. Se analisarmos do ponto de vista legal, como regra geral, a mulher tem direito a 120 dias de licença maternidade (art. 392/CLT), podendo chegar até a 180 dias nos casos de empresas que tenham aderido ao programa “Empresa Cidadã”, do governo federal. Já a licença paternidade, via de regra, tem o prazo de 5 dias (art. 10, § 1º da CF/88), podendo ser estendida em até 20 dias.

Dessa forma, o Estado exerce seu papel institucional de mantenedor de ordens e regras sociais, muitas vezes injustas e desiguais, que colaboram para manutenção dos papéis sociais, fortalecendo o simbólico de que o cuidado das crianças é responsabilidade da mulher. Reforçando assim, a cultura patriarcal dentro de um sistema capitalista que cria mecanismos para atuarem na perpetuação dos sistemas responsáveis pela opressão e submissão das mulheres. Conforme Heleieth Saffioti¹³ a opressão e submissão das mulheres é baseada na interação simbiótica entre patriarcado-racismo-capitalismo. Mantendo a ideia de Saffioti¹⁴, julgamos necessário acrescentar, como base opressora, o colonialismo. Neste sentido, a autora Maria

¹³ SAFFIOTTI, Heleieth. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

¹⁴ *Ibidem*.

Lugones¹⁵ refere que a colonização é uma ordem hierárquica e dicotômica imposta aos seres humanos, a serviço dos interesses do homem ocidental e disfarçada pela perspectiva civilizatória.

Lugones¹⁶ também chama a atenção para o papel fundamental da colonialidade, não apenas para nomear mais uma forma de opressão, mas para expressar todo o processo desumano ativo, que reduziu pessoas, culturas e sociedade, tornando-as parte de um processo de subjetivação que tenta transformar o colonizado e a colonizada, em menos que humanos. E, para subverter a lógica discriminatória dos processos patriarcais, racistas, colonialistas e capitalista, precisamos pensar em práticas que contemplem a equidade, visem atividades antirracistas, construam um processo de descolonização e busquem por justiça social. Visando um movimento emancipatório em lugares que provam práticas formativas inclusivas e igualitárias. A hermenêutica feminista se propõe a isso, na medida que expõem o que está oculto, o que estava à sombra e desinstala o modo androcêntrico e patriarcal da sociedade contemporânea.

O despertar da consciência crítica, por meio da construção de relações igualitárias, necessita de uma teoria que dê sustentação a um novo paradigma, a um modelo libertário e emancipatório. Neste contexto, a frase de Lenin faz sentido para reflexão, pois: “Não há revolução sem teoria”¹⁷. Para Saffioti¹⁸, o patriarcado é um elemento central nas análises e no conceito de gênero, auxilia na compreensão das estruturas de dominação, opressão, submissão e subalternidade que circundam a construção social de “ser mulher”. Segundo a autora, o patriarcado é “uma máquina bem azeitada, que opera sem cessar e, abrindo mão de muito rigor, quase automaticamente”¹⁹, ou seja, é um sistema que se autorregula e atua na subordinação das mulheres aos homens. Ou ainda, o patriarcado é simplesmente

[...] um pacto masculino para garantir a opressão de mulheres. As relações hierárquicas entre os homens, assim como a solidariedade entre eles

¹⁵ LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 357-378.

¹⁶ *Ibidem*.

¹⁷ Frase utilizada por Saffioti (2015) como título para o Capítulo 4 do Livro “Gênero, patriarcado, violência”.

¹⁸ SAFFIOTI, Heleieth. *Gênero, patriarcado e violência*. São Paulo: Expressão Popular, 2015

¹⁹ *Ibidem*, p.107.

existente, capacitam a categoria construída por homens a estabelecer e a manter o controle sobre as mulheres.²⁰

Contudo, não podemos perder de vista as outras estruturas que atuam em conjunto com o patriarcado para a manutenção do sistema opressivo: racismo, capitalismo e colonialismo. Invisibilizar qualquer dessas estruturas é cair na armadilha de reforçar os sistemas de opressão/submissão. E ainda, conforme a autora Angela Davis (2016) defende, não podemos hierarquizar as opressões e, devemos sempre considerar a intersecção de raça, classe e gênero para propor um novo modelo de sociedade.

2. Método: ELAS, em ação.

O projeto de pesquisa do grupo de estudos feministas - ELAS têm o intuito de conhecer as trajetórias dos grupos de pesquisa da Universidade Federal de Santa Maria que pesquisam os temas: mulheres, gênero e feminismos. O estudo iniciou, no ano de 2019, com o registro no Gabinete de Projeto da UFSM²¹ e, atualmente encontra-se em fase de conclusão. É uma pesquisa qualitativa, com a coleta de dados por meio de entrevistas semiestruturadas, que serão balizadas pela análise de conteúdo²². O desenho do estudo consiste em, primeiramente, realizarmos uma revisão bibliográfica sobre o tema para identificarmos os caminhos e os diálogos possíveis entre autoras, autores e o tema.

Posteriormente, realizamos uma busca no portal da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP) da UFSM, utilizando como descritores para a busca as palavras: mulheres, gênero, feminismos e sexualidade. Optamos pelo critério de definirmos nossa amostra apenas com os grupos de pesquisa formalmente cadastrados na PRPGP e na plataforma do CNPq. Dessa forma, como resultado, identificamos 12 grupos de pesquisa. Definida nossa amostra, fizemos contato com as líderes e os líderes dos grupos de pesquisas, informando sobre nosso estudo e convidando todas e todos, para participarem na qualidade de entrevistadas e entrevistados de forma voluntária.

Contudo, quando o estudo foi proposto não contávamos com a pandemia causada pela COVID-19, nem imaginamos as proporções e os danos que seriam causados.

²⁰ *Ibidem*, p. 111.

²¹ Número do projeto: 051370 - Número do processo: 23081.016538/2019-05

²² BARDIN, Lawrence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016.

Mediante esta conjuntura, as atividades presenciais na UFSM foram suspensas, em março de 2020, e o cenário instaurado foi de incerteza e insegurança. Nesse tempo, tivemos que adaptar nossa pesquisa para a realidade imposta, e assim, as entrevistas, antes pensadas para ocorrer de forma presencial, foram realizadas por meio da plataforma *google meet* e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi encaminhado por e-mail. As entrevistas foram gravadas, mediante autorização de todas e todos participantes, para facilitar a posterior transcrição.

A escolha por entrevistas semiestruturadas deu-se em razão desse formato proporcionar uma maior maleabilidade às entrevistas, sem perder o rigor técnico-científico. Conforme Valdete Boni e Sílvia Jurema Quaresma²³, essa modalidade de entrevista permite um contexto muito semelhante ao de uma conversa informal, devendo a entrevistadora ficar atenta ao contexto das respostas, para melhor explorar o tema. Além de possibilitar uma flexibilidade no tempo demandando, também promove uma maior interação entre quem está entrevistando e quem está sendo entrevistada e/ou entrevistado.

As entrevistas foram realizadas e transcritas pelas integrantes do ELAS no decorrer dos anos de 2020 e 2021. Após a transcrição, o material foi repassado para as pessoas entrevistadas, para ciência e aprovação do conteúdo. Superada essa fase, o material da transcrição será submetido à análise de conteúdo, método proposto pela autora Laurence Bardin²⁴, que permite uma análise exploratória e controlada. A partir da codificação, da categorização e da inferência, pretendemos analisar as trajetórias dos grupos de pesquisas. Não pretendemos estabelecer nenhum juízo de valor, nem particularizar opiniões, foi justamente para evitar distorções e superficialidades que o estudo foi desenhado e o método cuidadosamente escolhido.

Ressaltamos que o estudo obedece a todos os preceitos éticos exigidos pela Resolução nº 466/2012, bem como a observância dos protocolos do Comitê em Ética e Pesquisa (CEP) e da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP). Outrossim, foi disponibilizado apoio e assistência gratuita na Unidade de Atenção à Saúde Ocupacional do Servidor da UFSM e todos os objetivos, riscos, benefícios e termos de confidencialidade constaram no TCLE.

²³ BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. *Em Tese*, UFSC, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan-jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: jan. 2019.

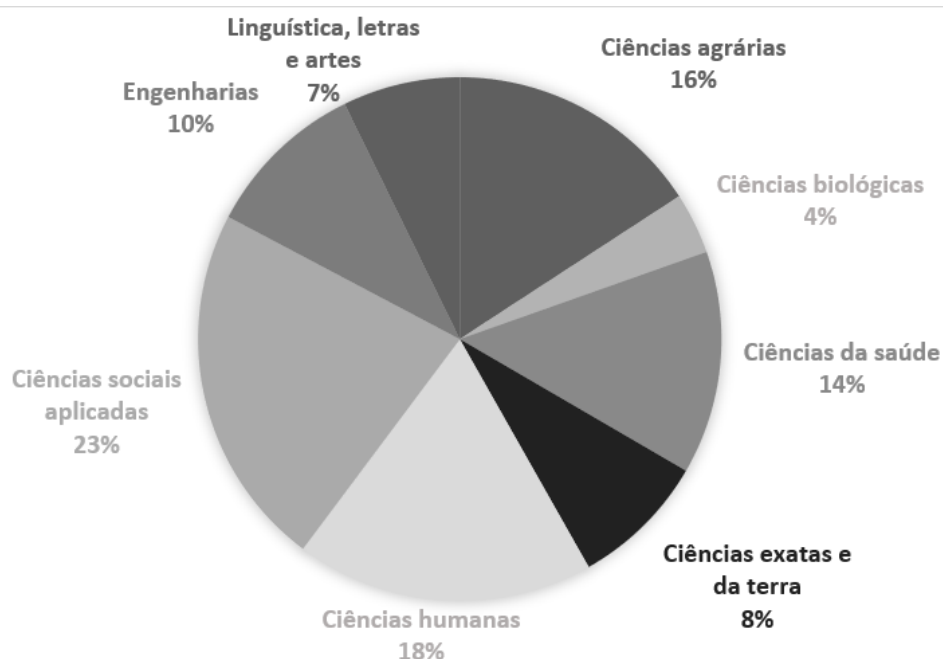
²⁴ BARDIN, Lawrence. *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2016

3. Resultados parciais e Discussão: ELAS, em interação.

O estudo tem como prazo de vigência 3 anos (de março de 2019 até dezembro 2021). Mesmo com os percalços e alterações no cronograma em razão da imprevisível pandemia causada pela COVID-19, o estudo encontra-se em fase de conclusão. O que torna possível uma análise prévia dos resultados em conjunto com as primeiras discussões e impressões constatadas na pesquisa.

Em primeiro lugar, cabe destacarmos que, em abril de 2019, as buscas realizadas junto à Pró-reitora de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP) da UFSM e a plataforma do CNPq, apontaram que a UFSM contava com o total de 689 grupos de pesquisa formalmente registrados. Esses grupos estavam distribuídos nas 08 grandes áreas de conhecimento, da seguinte forma: 109 grupos nas Ciências agrárias; 26 nas Ciências biológicas; 95 nas Ciências da saúde; 58 nas Ciências exatas e da terra; 127 nas Ciências humanas; 155 nas Ciências sociais aplicadas; 69 nas Engenharias e, 50 grupos de pesquisa ligados à Linguística, letras e artes. Conforme pode ser observado no gráfico abaixo, em que os valores são representados em porcentagens de acordo com a distribuição e representação:

Imagem 1 – Gráfico das representações dos grupos pesquisa de acordo com as grandes áreas de conhecimento



Fonte: Grupo de estudos feministas – ELAS, 2021.

Após este primeiro levantamento, constatamos que do total de 689 grupos de pesquisa, apenas 12 grupos possuíam relação com a temática proposta. Estes grupos estavam distribuídos nas seguintes áreas: Ciências da saúde - 1 grupo, Ciências humanas - 4 grupos, Ciências sociais aplicadas - 4 grupos e, linguística, letras e artes - 3 grupos. Contudo, havia um grupo que estava registrado em 2 áreas de conhecimento (ciências humanas e ciências sociais aplicadas), sendo contabilizado no estudo, apenas uma vez para registro e análise. E ainda, 2 grupos são liderados pela coordenadora responsável pela pesquisa, a Prof^a. Dr^a. Márcia Paixão. Sendo assim, optamos por excluir ambos os grupos da amostra pelo fato de suas trajetórias já serem conhecidas pela equipe de pesquisa. Assim sendo, após a primeira parte do estudo, classificada como busca e categorização, validamos uma amostra de 09 grupos de pesquisas.

O segundo passo do estudo, foi o contato via e-mail com as e os líderes dos grupos de pesquisa, informando do nosso estudo e convidando para participarem da entrevista semiestruturada de forma voluntária. Dos 09 contatos realizados, 04 não obtiveram resposta e 05 retornaram o contato aceitando participar do estudo. Assim sendo, as entrevistas foram realizadas, pela plataforma *google meet*, com as lideranças desses grupos. Atualmente o estudo encontra-se na fase de transcrição das últimas entrevistas, devolução do material transcrito para as pessoas entrevistadas, para ciência e aprovação. Após essa etapa, as transcrições serão

submetidas à análise de conteúdo²⁵, fase em que serão realizadas as inferências e as codificações, as quais possibilitaram, por meio de uma análise controlada, conhecermos as trajetórias dos grupos de pesquisas dedicados ao estudo das temáticas: mulheres, gêneros e feminismos, na UFSM.

4. Considerações Finais

O grupo de estudo feminista ELAS surgiu do desejo de mulheres por mais conhecimento, mais aprofundamento acerca dos estudos de gênero e das teorias feministas. Com o nome provocativo ELAS, o grupo propõe a quebra de paradigmas que silenciaram e invisibilizaram as mulheres ao longo da história e da constituição da sociedade moderna. Questionando quem são **elas**, pretendemos refletir que ELAS, são todas as mulheres que estão em movimento, buscando e construindo uma sociedade mais justa, equilibrada e equânime.

Nesse sentido, o ELAS também é ação, baseada nas trocas, nas partilhas, nas vivências e nas experiências de suas integrantes, pesquisadoras, docentes e discentes. É com esse espírito que o Projeto de Pesquisa “Mulheres, gênero e feminismos: conhecendo a trajetória dos grupos de pesquisa da UFSM” foi proposto. A partir da necessidade de conhecer a atuação de outros grupos que partilham estudos e pesquisas na mesma área de interesse.

O que podemos observar, a partir da avaliação dos resultados parciais da pesquisa é que, a UFSM é uma instituição de ensino que conta com uma estrutura imensa. É composta por 12 unidades universitárias, oferece 269 cursos de graduação na modalidade presencial e no ensino à distância, 106 cursos de pós-graduação (12 especializações, 59 mestrados, 34 doutorados e programa de pós-doutorado), 24 cursos técnicos pós-médio, 4 técnicos integrados ao ensino médio, 2 colégios de ensino médio, além de um curso de educação infantil. Conta com um corpo discente de aproximadamente 30 mil estudantes, cerca de 2.200 mil docentes, 2.800 técnico-administrativos, tudo distribuído em uma extensão de 1.863,57 hectares no campus sede de Santa Maria/RS. E ainda, conta com outros 03 campi distribuídos nas cidades de Frederico Westphalen, Palmeira das Missões e Cachoeira do Sul.

²⁵ *Ibidem*.

Observando as dimensões que a UFSM possui, não nos espanta que, em 2019, a Universidade contasse com 689 grupos de pesquisas formalmente cadastrados na Pró-reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PRPGP) em consonância com a plataforma do CNPq. Mas, o que nos surpreendeu foi justamente o fato de que, apesar da magnitude da UFSM, apenas 12 grupos se dedicam ao estudo e à pesquisa dos temas: mulheres, gêneros e feminismos. O que representa, aproximadamente 1,7% dos grupos de pesquisa da UFSM. Essa constatação é importante quando observamos a importância da temática no contexto Universitário e no cenário acadêmico-científico, o fato de pesquisadores e pesquisadoras não demonstrarem interesse em pesquisar a temática reforça a mística do imaginário social que descredibiliza e desvaloriza pesquisas dedicadas às mulheres, ao gênero e aos feminismos. Por mais que existam grupos informais que promovem rodas de conversa, leituras e debates sobre o tema, a formalização de grupos de pesquisas coordenados por docentes e organizados no sentido de estudar, debater criticamente e atuar na formação de discentes, ainda é muito reduzida.

Além disso, dos 12 grupos de pesquisa, 10 deles são coordenados exclusivamente por mulheres, 1 grupo possui uma coordenação mista, ou seja, uma mulher e um homem são os líderes do grupo e, apenas 1 grupo é coordenado apenas por um homem. Isso demonstra que a temática ainda não atingiu o interesse dos homens, no sentido de promoverem e proporem iniciativas voltadas ao estudo de mulheres, de gêneros e/ou dos feminismos. Este fato, por si só, não é problemático, pois valoriza-se muito o lugar de fala das mulheres, conforme difundido pela autora Djamila Ribeiro²⁶, perpassando pela ideia de restituir o lugar das mulheres na história e dar visibilidade às pautas e as lutas das mulheres. Mas, em um cenário ideal, teríamos a participação igualitária entre mulheres e homens como líderes e/ou coordenadores de grupos de pesquisas dedicados ao estudo das temáticas.

A busca por uma sociedade justa e igualitária consiste na (re)construção de uma sociedade que reconheça as diferenças e que busque a equidade em conjunto. Nenhuma sociedade pode ser construída só por homens ou só por mulheres, é a ação conjunta que trará transformações reais e duradouras. Com isso em mente, um dos principais objetivos do estudo, proposto e executado pelo grupo ELAS, é promover uma interação entre os grupos de pesquisas que tenham como elemento comum o

²⁶ RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Femininos Plurais).

estudo de mulheres, gênero e feminismos. Para que juntos, possamos somar forças e multiplicar conhecimentos, atuando em conjunto e em parceria na promoção de novas iniciativas, como exemplo, pesquisas, rodas de conversa, espaços de formação e de diálogo que integre os grupos da UFSM. E assim, desejamos ultrapassar o espaço acadêmico e compartilhar as mesmas pautas e lutas com toda a sociedade, pois nossa ideia não é apenas somar, e sim multiplicar.

Referências Bibliográficas

AQUINO, Estela. Gênero e ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca de equidade. In: BRASIL. PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. (org.). **Encontro Nacional de núcleos e grupos de pesquisas: pensando gênero e ciência**. Brasília: Secretaria Especial de Políticas Para as Mulheres, 2006. p. 11-24.

BARDIN, Lawrence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais. **Em Tese**, UFSC, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan-jul. 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. Acesso em: jan. 2019.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista**. São Paulo: Elefante, 2019.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo decolonial. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019. p. 357-378.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2017.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. (Femininos Plurais).

SAFFIOTTI, Heleieth. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

_____, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

TREULIEB, Luciane; DIAS, Maurício (ed.). **A maternidade no Lattes**. 2021. Revista Arco - Jornalismo Científico e Cultura. UFSM. Disponível em: <https://www.ufsm.br/midias/arco/maternidade-no-lattes/#portal-siteactions>. Acesso em: 01 out. 2021.

UFSM. **Institucional**. Disponível em: <https://www.ufsm.br/institucional/>. Acesso em: 05 out. 2021.

